

A MEMÓRIA E A IDENTIDADE DA COMUNIDADE PIRATINIENSE COM A "BICHARADA DO ARI".

¹Gisele Dutra Quevedo; ²Davi Kiermes Tavares; ³José Paulo Seifert Brahm; ⁴Rodrigo da Costa Segovia; ⁵Dra. Juliane Conceição Primon Serres

¹ gisele.quevedo.ppgmspc@gmail.com, Universidade Federal de Pelotas;
²dakitaa@yahoo.com.br, Universidade Federal de Pelotas; ³ josepbrahm@hotmail.com,
Universidade Federal de Pelotas; ⁴rodrigo.turismo.unipampa@gmail.com, Universidade
Federal de Pelotas; ⁵ julianeserres@gmail.com, Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

Este artigo visa analisar as interfaces entre memória, identidade, patrimônio e comunidades e, especificamente, como uma tradicional festa popular de carnaval que ocorre na comunidade de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, Piratini, deve ser analisada e se devemos buscar ou não o seu reconhecimento como patrimônio imaterial.

Palavras-Chave: Bicharada do Ari, Identidade, Memória, Patrimônio Imaterial.

Abstract

This article aims to examine the interactions between Memory, Identity, Patrimony, and Communities through the analysis of a traditional festival that occurs in the small city of Piratini, in the interior of the southern Brazilian state of Rio Grande do Sul and the issue of whether or not it should be officially considered as immaterial patrimony.

Keywords: Bicharada do Ari, identity, memory, immaterial patrimony.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las interfaces entre la memoria, la identidad, el patrimonio y las comunidades, y, específicamente, como una fiesta de carnaval popular tradicional que tiene lugar en la comunidad de un pequeño pueblo del interior de Río Grande do Sul, Piratini, debe ser analizado y debemos buscar o no su reconocimiento como un patrimonio intangible.

Palabras claves: Bicharada do Ari, Identidad, memoria, Patrimonio Intangible.

1. Introdução

Este artigo visa mostrar as interfaces entre memória, identidade, patrimônio e comunidades e como devemos analisar uma festa popular de carnaval que ocorre na comunidade de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, Piratini¹. A festa

¹ Localiza-se na região Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Piratini possui um valioso patrimônio edificado reunido em seu centro histórico, no qual há três edifícios tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio

surgiu no final da década de 1940 como o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, criado por Ari Fabião Valente², e se mantém até os dias atuais, tendo sido rebatizada como A Bicharada do Ari ou Bloco da Bicharada.

Todos os anos nas semanas que antecedem o carnaval, os “bichos” saem às ruas de Piratini para alegrar e distrair as noites de crianças, jovens e adultos. O percurso é a mesma rua principal de outrora (Av. Gomes Jardim, no centro histórico de Piratini), a diferença é que hoje se encontra totalmente pavimentada, enquanto no passado era de chão batido. Os bonecos foram substituídos por mascarados (pessoas da comunidade que preferem ficar no anonimato, sem ser identificadas) e que acompanham a “Bicharada” brincando e chamando a atenção dos espectadores. Por volta dos anos 1980, mais um grupo passou a participar da brincadeira, os “fantasiados” (geralmente homens que se vestem de mulher) e por algumas noites invertem a sua relação de gênero para representarem diversas identidades femininas, através da maquiagem e performance corporal.

O autor Peter Burke (2010) discute tanto a categoria dos mascarados como a troca de roupas entre homens e mulheres e os ritos de inversão, onde as mulheres mandavam e os homens obedeciam nos Carnavais da Idade Média em seu livro *Cultura Popular na Idade Média*. Observa-se que essas práticas são identificadas na Bicharada do Ari, mas provavelmente as motivações das pessoas de hoje, em pleno século XXI, são distintas daquelas que frequentavam o Carnaval da Europa em meados do século XVII.

Segundo Peter Burke (2010, p.274): “O uso de máscaras ajudava as pessoas a se libertar dos seus eus cotidianos, conferindo a todos um senso de impunidade como o manto da invisibilidade dos contos folclóricos”.

Será essa a intencionalidade dessa categoria que participa tão ativamente da festa? Na Figura 1, temos um típico representante que, de acordo com Nauro Júnior (fotógrafo da sucursal da Zero Hora em Pelotas, responsável pela cobertura dos municípios do sul do Estado) em seu blog *Retratos da Vida*, que em 11/02/2010 publicou “Carnaval à moda antiga em Piratini” onde destaca a figura do mascarado no bloco da Bicharada: “O senhor que estava por detrás da máscara não me disse seu nome, somente que já sai no Bloco da Bicharada há mais de sessenta anos ...”.

Histórico e Artístico Nacional) e quinze bens tombados pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), além de vários outros protegidos pelo município.

² Ari Fabião Valente nasceu em 24/10/1914, na cidade de Piratini. Descendente de uma tradicional família seu bisavô, o comendador José Moreira Fabião foi um influente político e comerciante da região. Fundou o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, para o qual, com a ajuda da comunidade confeccionava os Bichos.



Figura 1 – Bicharada em 2010.

Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/retratosdavid/2010/02/11/carnaval-a-moda-antiga-em-piratini/>

Ao analisar a trajetória desta festa e conceitos sobre a noção de tradição, logo percebe-se que é fundamental compreender estes conceitos para que se possa empreender este estudo.

Segundo Gerard Lenclud (2005) a noção de tradição, associa três ideias bem diferentes e nem sempre coerentes entre si: conservação no tempo, a de mensagem cultural e a de modo particular de transmissão. A primeira refere-se à permanência do passado no presente “o legado ainda vivo de uma época”, a segunda a “representação de um conteúdo que expressa uma mensagem importante”, e por fim, a terceira ao ato de transmitir, de passar de geração em geração. Para este autor todos os objetos culturais sofrem transformações: “a realização de uma tradição não é jamais a cópia idêntica de um modelo”. Conforme Lenclud (2005), somos nós que determinamos o que lembrar do passado, ou seja, é o presente que molda o passado, e não o contrário.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) também afirma que a memória tem relação com o presente, pois, é no presente que reconstruímos as memórias, para o autor:

... a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada. (HALBWACHS, 1990, p.71)

De acordo com Hobsbawn, (1984) existem práticas de natureza simbólica que visam internalizar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando automaticamente em uma continuidade em relação ao passado. Essa continuidade em relação ao passado é observada na Bicharada, visto que durante mais de sete décadas ainda se mantém

anualmente, por vezes com grande número de seguidores, outras um pouco menos, mas durante todo esse período somente quando o seu Ari estava já muito doente é que o Bloco da Bicharada fez um recesso (mais ou menos três anos) e não saiu às ruas durante o carnaval. Logo após esse recesso a Bicharada voltou as ruas com sua “essência” um tanto modificada, os bichos que antes eram feitos de madeira e tecido, e os bois que possuíam cabeças de “verdade” e eram extremamente pesados e carregados apenas por adultos, passaram a ser confeccionados com materiais mais leves para que as crianças começassem a participar da brincadeira.

Nas Figuras 2 e 3 abaixo pode-se observar muitas destas mudanças que ocorreram na Bicharada do Ari, quando foi criada da década de 1940 e agora na década de 2010.



Figura 2 – Bicharada na década de 1940.
Fonte: Acervo da Prefeitura de Piratini.



Figura 3 – Bicharada em 2014.
Fonte: Foto da autora

Na primeira imagem (Figura 2) pode-se observar o Bloco da Bicharada na década de 1940, sendo uma fotografia em preto e branco. No primeiro plano observa-se os bichos, bonecos e os músicos que acompanhavam o desfile. No centro da foto, destacam-se a placa com o nome do “Bloco da Boa Vontade”, ao lado a primeira boneca, “Mamãe Dolores” e o

urso coberto com “barba de pau”³, que, de acordo com relatos orais, carregava uma caneca onde as pessoas colocavam dinheiro, que era depois usado para reforma e manutenção dos “bichos” Em segundo plano, as casas históricas do centro histórico.

Na segunda imagem (Figura 3) pode-se observar que mesmo tendo se passado quase sete décadas o desfile da bicharada continua reunindo os piratinienses tanto do centro como dos bairros, de todas as faixas etárias, com a mesma alegria de outrora. De certo modo, a vontade do idealizador Ari Fabião Valente, que segundo relatos orais, pedia que em sua falta não deixassem de levar os “bichinhos”, como ele carinhosamente chamava sua criação, às ruas. Sem dúvidas muitas modificações foram ocorrendo ao longo destes anos. Também de acordo com relatos orais, na década de 1950, por exemplo, quem brincava nos bichos eram os adultos e não as crianças, e que os bois costumavam atropelar os demais participantes e aqueles que saíam às ruas para assistir ao desfile. Com o passar dos anos foi-se transformando e hoje a maioria dos participantes que “andam”, como falam na comunidade, costumam ser crianças. Os adultos, por sua vez, ganharam um novo papel, o de acompanhar e é claro que ainda existem aqueles que gostam de brincar, para isso ainda hoje, temos os “mascarados” e os “fantasiados”.

De acordo com o depoimento do senhor Valdo Garcia:

... os bichos de hoje, já não são como os do passado, hoje são todos de isopor, na minha época eram com a cabeça de um boi de verdade, hoje eles fazem uma voltinha pequena, na minha época o trajeto era toda essa avenida principal, começava cedo da tarde e ia até tarde da noite.⁴

Pereira de Queiroz (1992) fala sobre a tradição e as transformações que ocorrem no carnaval e nos questiona como isso é possível:

... como admitir que o Carnaval seja ao mesmo tempo uma tradição de raízes antigas, mas tome formas novas inteiramente diversa das de outrora, com um conteúdo também muito dessemelhante? De que maneira qualidades mutuamente exclusivas podem conter a natureza de um fato? A festa do Reinado de Momo seria formada de duas vertentes – a vertente da continuidade e a vertente da transformação? Como podem se associar, não seria elas totalmente incompatíveis? Ou tal definição não será senão uma ilusão tanto daqueles que vivem a festa quanto daqueles que a estudam? (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p.160).

³ A Barba de pau (*Tillandsia usneoides*) é uma planta epífita (apóia-se em outras plantas se ser parasita) encontrada em ambientes úmidos e ensolarados. Nas Matas de Galeria, aquelas que se formam nas margens de rios e arroios ou outros locais com abundância de água, seja de chuva ou umidade do ar, são os locais preferidos desta planta. Como não se fixam ao solo, toda a água que necessitam é extraída do ar, seja da umidade ou da chuva. Em: <http://cliqueambiental.blogspot.com.br/2010/02/discreta-flor-da-bromelia-barba-de-pau.html>.

⁴ Valdo de Souza Garcia. Entrevista concedida a autora em 29/06/2014. Piratini – RS

Nesse sentido, a Bicharada do Ari, também possui estas duas vertentes – a vertente da continuidade, pois a festa se mantém por mais de sete décadas, e a vertente da transformação, pois observa-se que a mesma teve muitas mudanças do período em que surgiu até o presente.

2. A memória e a identidade da Bicharada do Ari na comunidade piratiniense

O trabalho com história oral tem auxiliado muito nesse tipo de pesquisa, portanto, utiliza-se relatos dos organizadores, participantes e simpatizantes da Bicharada. De acordo com Paul Thompson (1992), a história oral é uma história construída em torno das pessoas. “[...] Ela lança vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo...” (THOMPSON, 1992, p.44). Portanto, a coleta de dados orais é fundamental para o estudo de memória e das representações que se tem do passado.

A definição de marcos sociais da memória, presente no livro *Antropologia de la Memoria* de Joel Candau (2006) nos afirma que completamos nossas recordações a partir da memória dos outros. A reconstituição de uma recordação passa pela reconstrução das circunstâncias do acontecimento passado e, por conseguinte, dos marcos sociais ou coletivos. A memória individual sempre tem uma dimensão coletiva, já que a significação dos acontecimentos memorizados pelo sujeito se dá pela sua cultura.

Diante da ausência de documentos escritos do período inicial da Bicharada do Ari, valemo-nos da memória e da história oral para evidenciar este momento. Além da história oral, outra fonte importante para a pesquisa é refletir sobre a memória através de fotografias, possibilitando identificar intenções e compreender processos de construção memorial como sendo também processos de legitimação de identidades. A pesquisa iconográfica está sendo realizada a partir de fotografias de vários períodos, para ser possível comparar as mudanças que ocorreram ao longo destas sete décadas.

Para refletir sobre as possibilidades da metodologia da história oral em nossas pesquisas é fundamental compreender como a memória se processa e a forma como nós pesquisadores devemos nos posicionar. Pois, como afirma Portelli (1997, p. 35): O conteúdo das fontes orais “... depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais”.

Para Portelli (1997) a memória deve ser um processo ativo de criação de significados.

... realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades

de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997, p.33)

Mais importante do que buscar verdades absolutas nas narrativas dos informantes da Bicharada do Ari, é compreender os significados que a festa representa para cada um.

Lacot (2011) apresentou um estudo através dos testes Top 10 e Top 12⁵, onde comprova que no campo da neurociência a memória social modula a memória individual e que de acordo com as respostas obtidas nestes testes, que existe uma correspondência um compartilhamento, que faz com que mesmo em nível individual as pessoas tendem a responder de forma semelhante.

Os resultados destes testes vão ao encontro do pensamento de Halbwachs (1990) que afirma que nossa memória se completa com a de outros indivíduos:

... para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p.39)

Alessandro Portelli (1997) contrapõe as ideias de Halbwachs, pois para ele “não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram.” (PORTELLI, 1996, p.127).

Na sequência, Portelli deixa claro que a memória, como todas as atividades humanas é social, mas que os discursos são sempre individuais.

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. (PORTELLI, 1996, p.128).

Nesse sentido, percebe-se que só é possível compreender as transformações da Bicharada do Ari, através da memória de cada indivíduo, mesmo que existam muitos pontos compartilhados da memória destes indivíduos.

⁵ O TOP 12 é um teste destinado a avaliar memória coletiva de forma rápida e fácil. Ele se baseia em oito perguntas sobre a vida de 12 celebridades que são nomeados (apresentação verbal). Objetivos do estudo: Verificar a correlação entre os escores médios dos diferentes grupos de indivíduos e a gravidade da doença (Doença de Alzheimer); para determinar um limiar de modo que o estado de cada sujeito (doente ou não) pode ser prevista com base no seu desempenho no teste. A amostra é constituída por 145 indivíduos, e destes 32 são pacientes com Doença de Alzheimer.

Nesse contexto, Halbwachs (1990), contrapõe memória histórica e memória coletiva, segundo ele a primeira é a memória da nação, enquanto a segunda passa pelas nossas experiências e, portanto, são significadas por nós. A memória não se apoia na história aprendida, mas na vivida.

...memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Pierre Nora (1993) questiona esses princípios de Halbwachs quando refere-se ao fim da história-memória, pois remete-se a uma ruptura do paradigma de equilíbrio e do que chama de aceleração da história – para o autor o passado vai perdendo espaço e o presente vai ganhando lugar. Segundo ele, o século XXI é um momento particular da nossa história, onde há um desmoronamento central da memória devido a mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização.

Assmann (2011) ao falar sobre a memória dos locais diz que é impossível pensar memória sem espaço, para ela, assim como para Halbwachs é preciso pensar o espaço como modulador da memória. A autora nos fala sobre a aura dos locais de memória:

A memória não conhece a norma corpulenta e incorruptível da medida temporal cronológica. Pode mover o que há de mais próximo até uma distância indeterminada e trazer o que está distante até muito próximo, as vezes próximo demais. Ao passo que os livros de história ordenados cronologicamente são úteis quando se trata de elucidar a consciência histórica de uma nação, a memória de uma nação se materializa na paisagem memorativa de seus locais de recordação. O vínculo peculiar entre proximidade e distância confere aura a esses locais e neles se procura um contato direto com o passado. (ASSMANN, 2011, p. 359)

Nesse sentido, Joel Candau (2012) também se refere à memória como estruturante de tempo e espaço. Para o autor:

Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido. (CANDAU, 2012, p. 61)

Candau (2012) afirma que a memória coletiva não é o conjunto de memórias individuais. Ele acredita que as sociedades e os indivíduos podem compartilhar algumas memórias, mas mesmo quando existisse várias recordações essenciais de memória coletiva de uma sociedade, as sequências das evocações destas recordações seriam obrigatoriamente

diferenciadas, até mesmo, porque os indivíduos não pensam todos a mesma coisa no mesmo momento, semelhante ao que Portelli (1996) defende. Pode-se dizer que existem configurações da memória características de cada sociedade, mas no interior destas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente por uma parte de sua história, e por outra, da organização de seu cérebro, que é sempre único. Assim, ele vai dizer que toda memória é social, mas não necessariamente coletiva para o autor não há nem memória estritamente individual - que não se alimente da memória de outros ou fora dos marcos sociais - nem memória estritamente coletiva). Para Candau, a noção de memória coletiva é mais expressiva do que explicativa: Isso porque ela “expressa” adequadamente uma realidade: como acontecimentos parecem memorizados ou esquecidos por uma determinada sociedade, como existem capacidades de memória diferentes entre gerações, classes sociais, entre sexos, etc. Mas “não explica” de que maneira as memórias individuais, que são as únicas verificadas desde o ponto de vista biológico (somente os indivíduos memorizam efetivamente, nunca uma sociedade) podem aparelhar-se para constituir uma memória coletiva, de que maneira esta memória coletiva pode se conservar, transmitir, modificar.

Em nosso objeto de pesquisa, a Bicharada do Ari, indo ao encontro das ideias de Portelli e Candau temos uma memória social, pois, mesmo que cada indivíduo imponha seu próprio estilo, que depende de sua história e da organização de seu cérebro, pode-se analisar uma série de acontecimentos em relação à festa que são lembrados pelos participantes de forma bem semelhante. Através de relatos orais percebe-se as transformações que ocorreram ao longo destas sete décadas e o sentimento de cada um em relação a estas.

3. Conclusões

A pesquisa inicial, do qual esse artigo é uma parte, tinha como objetivo geral buscar informações com a intenção de verificar se a festa possuía os requisitos definidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para ser reconhecida como patrimônio imaterial⁶ e instruir um processo de patrimonialização da mesma para registra-la no Livro das Celebrações⁷.

⁶ De acordo com o IPHAN: os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1>

⁷ Segundo o Decreto nº 3.551/2000 o Livro de Registro das Celebrações é onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. O Registro de um bem nada mais é do que a identificação e produção de conhecimento sobre o bem cultural pelos meios técnicos mais adequados e amplamente acessíveis ao público, permitindo a continuidade dessa forma de patrimônio.

No transcorrer da pesquisa observa-se que a festa manteve-se por mais de sete décadas e até o presente não apresentou risco iminente de perda e desaparecimento, portanto, a patrimonialização ou a criação de um “lugar de memória” não seria uma condição indispensável, mais importante no entanto, é registrar, documentar, historiar a festa, além de compreender seus significados e agentes envolvidos. Concordando com Nora (1993) que afirma que a memória precisa de lugares quando ela não existe mais, se é viva, não precisa ser fixada e com o pensamento do autor Hugue de Varine (2012), para o qual o patrimônio é um recurso para as comunidades e deve ser gerido por ela, decidiu-se por contar a história e investigar a origem desta tradicional festa popular, para que a comunidade possa conhecê-la melhor e ter os recursos necessários para preservar e manter este patrimônio e assim, transmiti-lo as gerações seguintes.

Referências

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação. São Paulo, Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366

BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

_____. Cultura popular na idade moderna. Europa 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CANDAU, Joel. Antropologia de la Memória. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

_____. Memória e Identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DE VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256p.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.

_____. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Mouton, 1976.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: A invenção das tradições. e RANGER, Terencer (orgs); trad. de Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

LACOT, Émilie et. Al., Le TOP 12: comment interpréter les réponses comme des mesures de la capacité de la mémoire collective? Revue de neuropsychologie, 2011/4. Volume 3, p. 284-289.

LENCLUD, Gérard. La tradition n'est plus ce qu'elle était ..., Terrain [En ligne],9|octobre 1987, mis en ligne le 21 mars 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, nº 10, 1993.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O carnaval brasileiro, o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz A História Oral Diferente. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, nº 14, São Paulo, 1997.

_____. Forma e significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. Revista Projeto História, São Paulo, (14), fev., 1997.

_____. O massacre de Civittella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. 1ª edição 1996. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo, Paz e terra, 1992.